

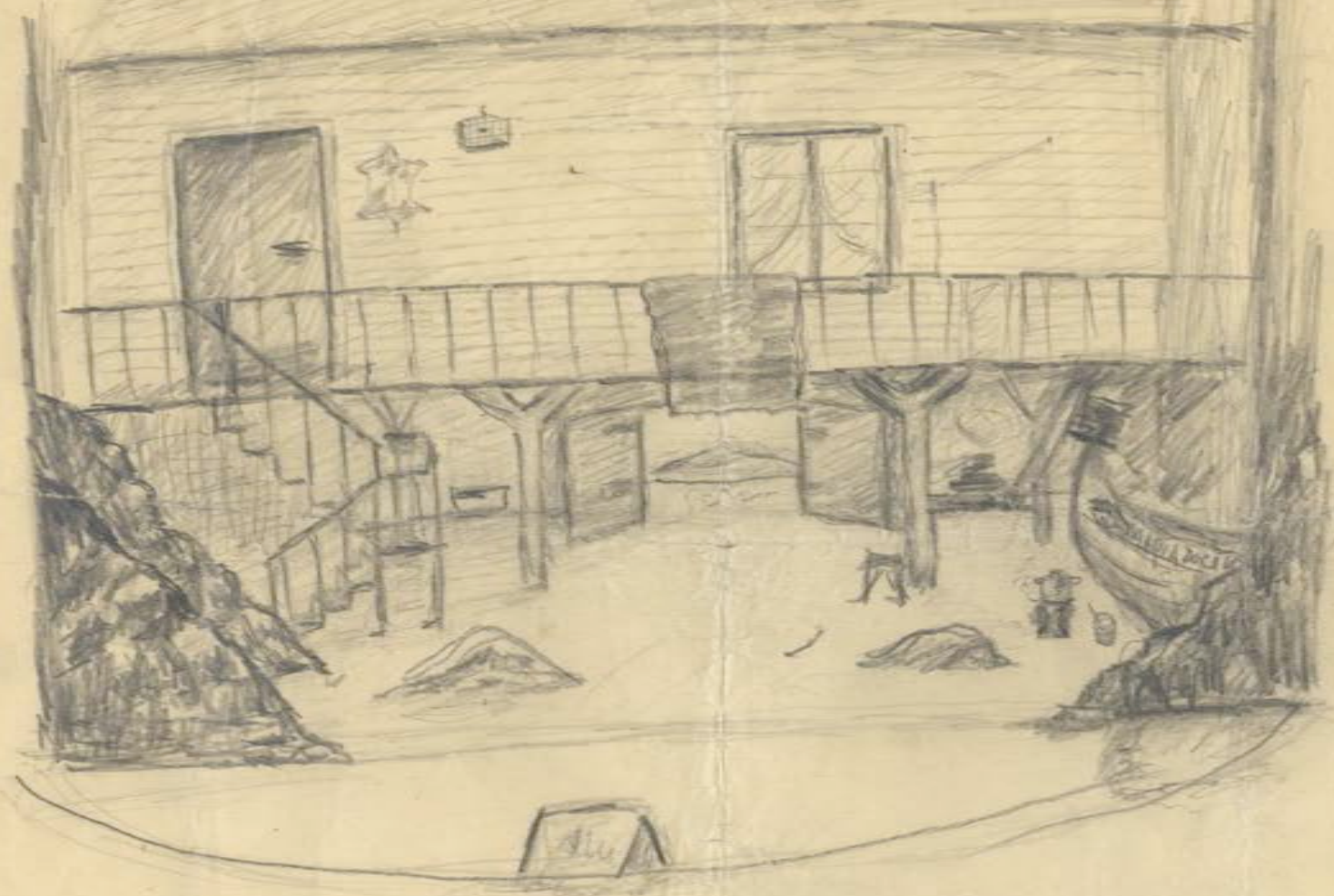
"Lantiga de amor"

Opereta em 3 actos

(o primeiro acto não está
completamente dictilographado)



Bom papaleir
puro e entos
calas
pocheos



1.º act



1.º act - 2.º Quadro

Acto I

Sol do meio dia. Ao fundo a toda a largura da cena, vê-se-á uma casa de madeira, tendo à esquerda uma porta praticavel e à direita uma janela rectangular. Esta casa será assente sôbre duas estacas, visiveis, de pinho tósco, bastante distanciadas de maneira a vê-se bem o fundo. A todo o correr da frontaria haverá uma varanda, praticavel, de madeira ordinária. Colada à esquerda da casa, sôbê uma escada visivel, que parte da esquerda alta para a direita até à altura dum pequeno patamar, vindo terminar colada à referida varanda, dando assim acesso ao piso de habitação. A parte baixa, que serve de casa de trabalho, terá ao fundo uma parede, tambem de madeira tósca, e ao centro desta, uma porta de batentes, bastante ampla, atravez da qual se veja uma paisagem de campo.

Aos lados, rompimentos de rochedos, vendo-se sair entre os da direita, a prôa dum barco de pesca, já velho, onde se lê: "Maria do Ceo". Ao centro da cena, existirão dois rochedos, paquenos, colocados a distancia um do outro, sendo o da esquerda maior, e dando a impressão de sairem da areia.

Colado à frontaria da casa, junto da porta, vê-se-á uma pele de coelho, esticada por meio de canas, a secar, e mais para o lado da direita, uma gaiola com um pintassilgo. Na janela, cortinas de cambraia requemadas pelo sol. Dependuradas na balaustrada, rêdes de pesca. Nos baixos da varanda, à esquerda, junto da parede, um banco de carpinteiro, uns chalavares e um velho leme. À direita, junto da trave que sustem a varanda, um banco de cortiça e bem assim algumas cordas enroscadas. Encostados à parede da direita, remos, mastros partidos. Junto à prôa do barco, um fogareiro, sôbre o qual se encontra uma panela fumegente.

Ao abrir o pano, tio Joaquim sentado no banco que se encontra próximo da trave da direita, observa os que trabalham. Junto ao rochedo da esquerda, sentados no chão consertando uma rêde, encontram-se: -partindo da esquerda para a direita- quatro mulheres -sendo uma de meia idade- e três homens. O ultimo da direita dêste grupo será Manuel, tendo à sua frente, um pouco desviada para a esquerda, Leonor. Ao centro da cena, entre os rochedos, Agostinho deitado na areia, dorme. Junto ao banco de carpinteiro, dois homens e um petiz consertam um leme. À direita, dois ou três homens pintam o barco, tendo a auxiliá-los dois petizes. Ambiente de muita alegria.

CÔRO

E ruge o mar!
Engrossa a vaga!
Indo quebrar
Dê encontro à fraga!
Anda no ar
Esta canção,
Ao arribar
A embarcação:
Ó leva a riba, leva!
leva, leva, leva, leva!

- Leonor - A onda beija o rochedo,
E diz-lhe sempre que o beija:
"Confesso que tenho medo
Que a terra um dia nos veja".
- Côro - E ruge o mar! etc...
- Leonor - Pobres veleiros velhinhos,
Qu'andam na faina do mar.
Parecem lenços branquinhos
De muito longe a acenar.
- Côro - E ruge o mar! etc...
- Joaquim - (Durante o último côro levantou-se, foi até junto do barco observa o trabalho e pára ao meio, atento no trabalho do grupo que conserta a rêde) Quando teem vomecês isto pronto?
- Manuel - Já faltou mais.
- Leonor - O tio Joaquim está com pressa de ir p'ra o mar.
- Manuel - Só lá é que êle está bem!
- Joaquim - É bem certo. Já em tempos me embrenhei por essas terras donde nem se enxerga o mar. Entrou comigo uma tristeza que ia dando cabo de mim. Cada qual para o que nasceu.
- Manuel - Eu ainda que fôsse homem de dinheiro havia de o ter sempre na mão.
- Leonor - Pois eu nem à mão, nem ao pé das pessoas do meu coração! O que êle nos consome de cuidados!
- Manuel - A gente nunca se separa dos que por cá ficam. Levamo-los na lembrança. Não é assim, patrão Joaquim?
- Leonor - (sorrindo lisongeada, mas melancólica) Ora!...
- Joaquim - (risonho e paternal) Descansa, rapariga, que o mar não to como. (murmurio de risos. Referindo-se a Agostinho) Êste é que não se rala; o trabalho não o mata. (chamando) Ó Agostinho!
- Manuel - (estendendo o braço e chamando Agostinho) Agostinho!
- Agostinho - (acordando) Que é?
- Joaquim - Ainda é cedo para a césta! (Agostinho esfrega os olhos e toma o seu lugar junto dos outros).
- J.da Tenda- (aparece à porta do fundo) Olá compadre, Joaquim!
- Joaquim - Entra, João!
- João - (entra ao encontro de joaquim que caminha para êle. Apertam as mãos) Bons dias!
- Vozes - (desencontradas e em murmurio) Bons dias, sôr João!
- Joaquim - (vai buscar o banco e coloca-o entre o barco e a pedra da direita) Senta-te aqui, homem!
- João - (indo sentar-se) Obrigado.
- Joaquim - Olha, já vem todo preparado para a festa! Então hoje não se abriu a loja?

- João - Abri. Não podia deixar de ser. Estam aí muitos forasteiros. Mas fecho mais cedo. (os dois que estam a pintar acenam ao 1º pequeno que lhes leve a caldeira do breu e saem pela parte superior do barco como indo pintar dêsse lado. Depois o grupo dos que estam sentados entoam ~~da~~ bôca fechada o côro de abertura e os que trabalham no barracão assobiam-no a meio tom).
A Maria do Ceo?
- Joaquim - Anda na lida da casa.
- João - Não vai à festa?
- Joaquim - É cedo. Primeiro está a obrigação.
- João - Daquilo ha pouco! Lá para a familia não ha outra como ela.
- Joaquim - (modesto, mas lisongead) São favores... Cumpre os seus deveres; mais nada. (senta-se na pedra, defronte de João e de costas para o grupo do centro).
- João - Outra fosse ela, bonita e divertida como é, com uns patacos e com tantos com o sentido nela, que pouco lhe importassem as obrigações.
- Joaquim - Não é por ser minha filha, mas isso é verdade.
- João - Se fosse vivo um filho meu, que fosse parecido comigo, era um bem casa-los porque ela merece um homem honrado, perfeito e inteligente. Tanto recomendei à minha mulher!... Não nasceu. Só teve raparigas. Nunca quiz outra coisa. Enfim!... Felizmente lá estam todas na cidade bem casadas e vivas!
- Joaquim - Isto é uma correria. Parece que foi ontem. Eramos dois meus, sabiamos lá o que era a vida! Cada um tinha o seu destino. Crescemos, casamos... A edéa encaminhou-te para o comercio; o mar tomou conta de mim. Quem havia de dizer! E cá temos andado direitinhos na vida sem mancha que nos envergonha.
- João - (dando-lhe uma palmada amigavel num joelho) A honra acima de tudo. Olha que eu não quiz ganhar nunca mais do que aquilo que a minha consciência me aconselhava! Nunca fui alem de cento e cinquenta por cento de lucro; contanto que ha menino capaz de levar coiro e cabelo!
- Joaquim - (apoando com apreço ingénuo) Então eu não sei que tu não ganhas mais porque não podes? Foste sempre trabalhador.
- João - Por isso não me conformo com a edéa de que ela case com algum valdevinos! Quero-lhe como se fosse minha.
- Joaquim - Conhece-la de pequena... És o padrinho...
- João - Está visto! Fui eu que a levei à pia! (Agostinho prende-se de curiosidade. Afesta-se um pouco para traz, deita-se de bruços de modo a ficar com o rosto perto da pedra em que Joaquim está sentado, e vai enchendo a agulha e escutando a conversa).
- Joaquim - Era um domingo.
- João - (confidencial) Resmungam por aí que ha um que lhe arrasta a aza e a quem ela dá atenção.
- Joaquim - Quem?
- João - O Agostinho.